

# Uma em cada quatro adolescentes brasileiras não tem acesso a absorventes

Uma em cada quatro adolescentes brasileiras não tem um pacote de absorventes à mão quando a menstruação chega. Quase 20% não têm acesso à água em casa e mais de 200 mil estudam em escolas com banheiros sem condições de uso.

Os dados da chamada pobreza menstrual estão no [relatório Livre para Menstruar](#), produzido pelo movimento Girl Up, com apoio da Herself, que aponta saneamento básico, acesso a produtos menstruais e informação como soluções possíveis para o problema.

“Muitas meninas faltam às aulas todos os meses por não ter absorvente”, diz Beatriz Diniz, 19, uma das líderes do Girl Up e reconhecida como [Jovem Transformadora pela Ashoka](#). A ONU estima que 1 em cada 10 meninas se ausente da escola durante a menstruação.

Em 2020, quando organizações sociais distribuíam cestas básicas em comunidades do Rio de Janeiro, o coletivo percebeu que protetores íntimos eram considerados itens de beleza e, por isso, não faziam parte dos kits.

“Se feijão é essencial, por que absorvente não é?”, questionou Beatriz. O grupo criou a campanha #AbsorventeUrgente e conseguiu distribuir 60 mil produtos menstruais em um mês.

**[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)**

[Confira a matéria ‘No Brasil, 28% das mulheres já perderam aula por não conseguirem comprar absorvente’](#)

---

# 1º de Maio: mulheres dedicam o dobro de tempo dos homens a tarefas domésticas. Até quando?

(Estadão de São Paulo | 01/05/2021 | **Brastemp, Estadão Blue Studio**)

Com eletrodomésticos cada dia mais modernos e fáceis de usar, fica cada vez mais difícil encontrar justificativas para não fazer uma divisão justa das tarefas de cuidado e serviços domésticos. E, embora já seja possível lavar as roupas apertando alguns poucos botões, a execução dessa e de outras tarefas está longe de ser equânime.

É o que apontam dados da Brastemp, em parceria com a consultoria Think Eva, de uma análise do tempo médio gasto por meninas e mulheres no Brasil com a manutenção de roupas. A análise partiu de um levantamento que aponta, com base em estudos nacionais e internacionais, o impacto do tempo gasto com os cuidados da família na vida de mulheres e meninas em todo o mundo.

De acordo com a análise, semanalmente, mulheres adultas gastam em média 21 horas nos afazeres domésticos, que incluem tarefas relacionadas à manutenção das roupas, como separar, estender, retirar do varal, passar, dobrar e guardar. Expandindo essa análise no longo prazo, pode-se estimar que elas passam mais de sete anos da vida com esse tipo de atividade. Desses, quatro são dedicados apenas à manutenção de roupas.

Ao fazer um cálculo para valorar esse tipo de atividade doméstica, a análise concluiu que, se fosse remunerada, renderia R\$ 185 mil a cada mulher ao longo da vida. Ao considerar toda a economia do cuidado, o valor representaria o equivalente a 11% do nosso Produto Interno Bruto (PIB) - mais do que os setores da indústria de transformação ou agropecuária, por exemplo.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# Dia da Doméstica: “Não queremos ser da família”, diz líder do sindicato

(Universa | 27/04/2021 | Mariana Gonzalez)

Hoje é Dia da Empregada Doméstica e, pela segunda vez, a data acontece em meio à crise da covid-19 no Brasil. Para [Luiza Batista, presidente da Fenatrad](#) (Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas), não há o que comemorar: a categoria, formada principalmente por mulheres negras, segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), é uma das mais afetadas pela pandemia.

Isso porque parte dessas trabalhadoras se expõe ao vírus no transporte público para chegar à casa dos patrões, parte sofre com o [desemprego](#) e a fome. Há, ainda, um grupo que é obrigado a dormir no trabalho para evitar o deslocamento durante a pandemia e fica sem ver a família, à disposição dos patrões 24 horas por dia — [cenário que pode configurar cárcere privado, explica Luiza](#).

Em entrevista a **Universa**, Luiza também fala sobre a “relação de servidão” entre trabalhadoras e empregadores que perdura por décadas e rebate a ideia de que elas são “quase da família”: “Não somos e não queremos ser. Nós temos a nossa família. O que queremos é que nossos direitos sejam respeitados”.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# 84% das brasileiras com 13 anos usam filtros em fotos para serem aceitas: a conversa sobre isso deve acontecer na infância, por Jennifer Detlinger

(Pais&Filhos | 23/04/2021 | Jennifer Detlinger)

Pega o celular, tira uma selfie, olha para a foto e desiste de postar nas redes sociais sem antes editar a imagem ou colocar um filtro. Esse tipo de situação acontece com milhares de meninas mundo afora, segundo uma pesquisa realizada pelo [Projeto Dove pela Autoestima](#), da qual a Pais&Filhos teve acesso em primeira mão.

Realizada em dezembro de 2020, a pesquisa revela o impacto do uso das redes sociais e filtros na autoestima de meninas entre 10 e 17 anos nos Estados Unidos, Inglaterra e no Brasil. Por aqui, a pesquisa foi conduzida pela Edelman Data & Intelligence, uma consultoria global e multidisciplinar de pesquisa, análise e dados, com 503 meninas de 10 a 17 anos.

Segundo o estudo, 84% das meninas brasileiras com 13 anos já aplicaram filtros ou usaram aplicativos para mudar sua imagem em fotos. Entre elas, 78% também tentam mudar ou ocultar pelo menos uma parte ou característica de seu corpo que não gostam antes de postar fotos de si mesmas nas redes sociais.

## Jennifer Detlinger

filha de Lucila e Paulo, é editora de conteúdos especiais na Pais&Filhos. Formada em jornalismo, tem experiência na área editorial com foco em digital e branded content.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

---

# Câmara aprova inserir mensagem sobre igualdade de gênero em propaganda

(Agência Brasil| 22/04/2021 | Luciano Nascimento)

A Câmara dos Deputados aprovou hoje (22) o Projeto de Lei (PL) 1943/2019 que trata da inserção de mensagens sobre a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres em propagandas de produtos para afazeres domésticos, como material de limpeza, por exemplo. O objetivo é combater o estereótipo de que as atividades do lar são atribuições apenas das mulheres.

Entre outros pontos, a proposta também prevê que as campanhas publicitárias dos órgãos públicos devem valorizar a responsabilidade compartilhada do trabalho doméstico. O texto agora segue para análise do Senado.

“A publicidade de produtos de limpeza, de utensílios domésticos e de outros produtos ou serviços usualmente utilizados em trabalhos e cuidados domésticos deverá conter mensagens de advertência em referência às normas constitucionais e legais relativas à igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, bem como aqueles que garantem proteção ao trabalho doméstico”, diz o texto.

**[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)**

---

# Todo brasileiro hoje sente o que é ser tratado como indígena, por Sonia Guajajara

(Folha de São Paulo | 19/04/2021 | Sonia Guajajara)

Nem sempre deixamos de sentir a dor do outro por falta de empatia; às vezes, isso acontece por puro desconhecimento. A história do Brasil sempre foi muito mal contada. Não desejamos o que passamos a ninguém, nem mesmo aos nossos algozes. São 520 anos de perseguição praticamente ininterrupta. Mas, neste Dia do Índio (19.abr), estamos enfrentando a maior ameaça de nossa existência. E agora não me refiro somente a nós, indígenas. O [governo federal](#) atual fez do [coronavírus](#) um aliado e põe em risco a vida da população em geral. Hoje, todos sentem como é ser acuado por uma doença que vem de fora, contra a qual não há defesa. Todos mesmo; agora, falo do mundo inteiro.

Nós, indígenas, somos perseguidos em nosso próprio país; neste momento, por causa da Covid-19. Todos nós, brasileiros, corremos o sério risco de sermos marginalizados globalmente. Ninguém em sã consciência nega a importância da [Amazônia](#) para a saúde do planeta —e hoje a ciência atesta que a destruição da natureza e as mudanças climáticas podem causar novas pandemias. Mas, além de abusar da caneta para atacar o meio ambiente e os nossos direitos, como de costume, o presidente Jair Bolsonaro vem tentando aliciar e constranger lideranças indígenas. Até Funai e Ibama estão jogando no time rival. Não é apenas um vírus.

A [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil \(Apib\)](#) foi criada em 2005 no primeiro Acampamento Terra Livre (ATL), evento que reunia milhares de pessoas de todo o país em Brasília —por causa da pandemia, ele foi realizado virtualmente em 2020 e, neste ano, terá encontros online durante todo o mês de abril. É fruto da união e autoorganização dos povos, que são as raízes que sustentam esse país e que durante a pandemia recebeu o reconhecimento do Supremo Tribunal Federal (STF) como entidade que pode entrar com ações

diretas na principal corte do país.

## ***Sonia Guajajara***

Coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e ex-candidata do PSOL à Vice-Presidência da República (2018)

[\*\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*\*](#)

---

# **Considerar território, raça e gênero no orçamento ajuda a diminuir desigualdades, por Pedro de Lima Marin**

**(Observatório do Terceiro Setor| 08/04/2021 | Pedro de Lima Marin)**

Na cidade de São Paulo, uma das mais desiguais do mundo, uma experiência em curso ilustra esse caminho: o projeto [Reage SP](#), parceria da Fundação Tide Setubal com a Rede Nossa São Paulo, ofereceu à Prefeitura Municipal de São Paulo um índice baseado em uma cesta de indicadores para orientar uma mudança de organização no orçamento, de modo que haja mais investimentos nos bairros mais vulneráveis e precários e que, portanto, precisam de mais recursos.

Antes disso, o estudo [Regionalização do orçamento em grandes cidades](#), produzido pela Fundação Tide Setubal, havia mostrado como a dimensão territorial do gasto público já é levada em conta em outras cidades do globo e investigou os processos participativos no orçamento e a inovação para a regionalização.

O mapeamento trouxe bons exemplos inspiradores como os de Montreal e

Cidade do México, que promoveram mudanças em sua organização orçamentária para destinar mais recursos às regiões que mais precisam deles.

Outro caminho para fazer com que o planejamento e o orçamento das prefeituras incorporem o olhar do combate às desigualdades é incluir raça e gênero no debate e nas ações.

O racismo e o machismo são características estruturais de nossa sociedade que marcam muitas das desigualdades persistentes no país. Juntas, elas impedem o desenvolvimento da maior parte da população.

Uma mulher negra moradora de bairro periférico vulnerável tem menos chances de prosperar e de ter qualidade de vida do que um homem branco que vive em um bairro nobre do mesmo município.

**Pedro de Lima Marin** é coordenador do programa de orçamento público, transparência e planejamento da Fundação Tide Setubal. Graduado em Relações Internacionais pela USP, mestre em Gestão e Políticas Públicas e doutor em Administração Pública e Governo, ambos pela FGV-SP, atuou como pesquisador e consultor em temas relacionados a financiamento de políticas públicas, participação social e gestão por resultados.

[\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*](#)

---

## **Resposta à crise: 12 projetos que auxiliam a reinserção**



# profissional de mulheres negras e indígenas

(O Globo| 08/04/2021 | Pâmela Dias)

RIO — Se antes da pandemia o cenário no mercado de trabalho para mulheres já era desfavorável, com a crise desencadeada pela Covid-19 o desemprego entre elas se agravou e trouxe ainda mais desigualdades. De acordo com dados do IBGE, mais da metade dos 13,9 milhões de brasileiros sem trabalho eram do sexo feminino e seis em cada dez (60%) se autodeclaravam pretos ou pardos. Para driblar as estatísticas e dar oportunidades, especialmente para mulheres negras e indígenas em situação de vulnerabilidade social, projetos voltados para a capacitação profissional e o empreendedorismo têm auxiliado essa parcela da população na luta por espaços de relevância no ambiente corporativo.

Ainda segundo a pesquisa divulgada em março deste ano, a população ocupada em todo país foi reduzida em cerca de 7,3 milhões de pessoas na comparação com 2019. A crise econômica afetou, inclusive, o trabalho informal no país, considerado a porta de mais fácil acesso à ocupação. E foi a queda do número de trabalhadores informais a principal responsável pelos recordes da taxa de desemprego e baixo nível de ocupação.

Para a empreendedora social Adriana Barbosa, investir em programas educacionais para mulheres negras, indígenas e de baixa renda é uma das formas de dar visibilidade aos projetos que elas vinham desenvolvendo ou procuravam desenvolver, mas não tinham apoio para entender como e quando começar a colocar a ideia em prática.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# Senado aprova lei que multa empresas por diferença salarial entre homens e mulheres

(O Globo | 30/03/2021 | Por Redação)

O Senado Federal aprovou nesta terça-feira (30) um projeto de lei que estabelece multa para as empresas que [pagam salários diferentes](#) para homens e [mulheres](#) que exercem a mesma função. A proposta acrescenta um artigo à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) a fim de estabelecer uma penalização financeira para empresas que contribuem para a [persistente desigualdade salarial](#) verificada entre os gêneros no mercado de trabalho brasileiro.

A multa prevista é de até cinco vezes o valor da diferença verificada em todo o período da contratação, paga em favor da trabalhadora discriminada observado o prazo prescricional de cinco anos. Assim como nas demais ações trabalhistas, a funcionária terá dois anos após a rescisão do contrato para pedir a indenização na Justiça. O projeto agora segue para sanção presidencial.

O PL foi proposto originalmente pela Câmara dos Deputados em 2009 e aguardava apreciação no Senado desde 2011. O texto do relator do projeto na Casa, senador Paulo Paim (PT-RS), foi lido em plenário no último dia 16, mas a votação foi adiada e remarcada para esta terça-feira. A redação foi alterada para estabelecer multa de “até cinco vezes” e aprovada por unanimidade em votação simbólica.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# Depressão gestacional: pobre sofre com a falta de diagnóstico e tratamento

(Universa| 28/03/2021 | Por Bruna Alves)

Conviver e enfrentar uma depressão é difícil em qualquer período da vida, mas na gestação pode ser ainda mais complicado, já que a mulher se encontra normalmente mais fragilizada. Agora, imagine uma mulher pobre, sozinha e sem apoio social. Frequentemente, elas não contam nem para a própria família o que estão sentindo, por medo de terem os sentimentos taxados como frescura ou por se sentirem culpadas por estarem nessa situação.

De uma maneira geral, muitas mulheres carentes (ou adolescentes) engravidam e não têm o apoio do companheiro e, às vezes, nem mesmo da própria família. Esse sentimento de solidão atrelado à falta de condição financeira e à baixa escolaridade são fatores de risco para o desenvolvimento de uma depressão gestacional.

A psicóloga Tania Granato, professora, pesquisadora da PUC-Campinas (Pontifícia Universidade Católica de Campinas) e especialista em maternidade, descreve ainda que o abuso sexual é mais um risco para a doença. “Em uma clínica que atende pessoas que sofrem com a vulnerabilidade, não tem uma mulher que você conversa que ela não foi durante a infância abusada sexualmente”, conta.

Além disso, a falta de um pré-natal adequado também pode ser um problema, pois uma diabetes gestacional não controlada, por exemplo, também aumenta o risco de depressão. “A gente atende uma população que mesmo grávida sofre violência física e psicológica e tem uma série de condições que podem aumentar o risco de depressão. “A gente atende uma população que mesmo grávida sofre violência física e psicológica e tem uma série de condições que podem aumentar o risco de depressão durante a gravidez”, diz Joel Rennó

Júnior, diretor do Programa de Saúde Mental da Mulher do IPq (Instituto de Psiquiatria) do Hospital das Clínicas de São Paulo e professor do Departamento de Psiquiatria da FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo).

**[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)**